

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 2) Jan. 2016

A RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA

uma tradução visual



**Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores
nos mosaicos hispânicos**

**Placas de Xisto Gravadas:
o caso do Castelo de Pavia**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**dois suportes...
...duas revistas diferentes**

**o mesmo
cuidado editorial**

al·madan

revista impressa



**Iª Série
(1982-1986)**

**IIª Série
(1992-...)**



(2005-...)

**al·madan
online**

**revista digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

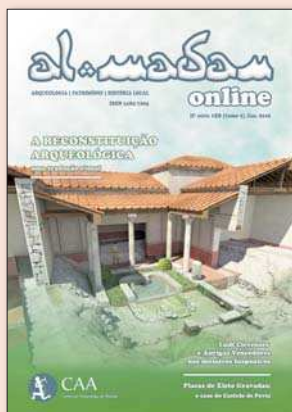
[<http://issuu.com/almadan>]



edições

CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre ilustração que reconstituiu visualmente a informação arqueológica disponível sobre a *Domus* de Santiago, em Braga.

Ilustração © César Figueiredo.



II Série, n.º 20, tomo 2, Janeiro 2016

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Elisabete Gonçalves
(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolte

Colaboram neste número |

Marco António Andrade, Luísa Batalha,
Márcio Beatriz, Nuno Bicho, Jacinta
Bugalhão, Maria Teresa Caetano,
Guilherme Cardoso, João Cascalheira,
Fernando Augusto Coimbra, José M.

Lopes Cordeiro, Cláudia Costa, Catarina
Costeira, Ana Pinto da Cruz, Vanessa
Dias, José d'Encarnação, Miguel Feio,
César Figueiredo, Silvério Figueiredo,
Rui Ribolhos Filipe, João José F. Gomes
†, Célia Gonçalves, Susana Gómez
Martinez, António Gonzalez, Marta
Isabel C. Leitão, Marco Liberato,
Virgílio Lopes, Olalla López-Costas,
Andrea Martins, Rui Mataloto, João
Marreiros, Lara Melo, Luís Campos

Paulo, Franklin Pereira, Telmo Pereira,
Severino Rodrigues, João Maia Romão,
Raquel Caçote Raposo, Sofia Soares,
Maria João de Sousa e António Carlos
Valera

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois de, no anterior Tomo, ter dedicado merecido espaço à ilustração científica, no caso aplicada ao registo e interpretação patrimonial de um dos mais antigos moinhos de maré do estuário do Tejo, a *Al-Madan Online* volta ao tema.

Agora, apresenta-se uma reflexão da sua aplicação à reconstituição de contextos e estruturas arqueológicas, traduzindo visualmente o estado do conhecimento que deles dispomos, numa mediação criativa entre a Ciência e os diferentes públicos. Entre os vários exemplos de aplicação, destaca-se a espectacular modelação 3D da Lisboa romana (*Olisipo*) que muitos já terão tido a felicidade de ver, nomeadamente na exibição do documentário sobre o fundeadouro recentemente descoberto no subsolo da frente ribeirinha desta cidade (filme realizado por Raul Losada, com uma contribuição muito importante deste projecto gráfico de César Figueiredo).

Outros estudos desenvolvem matérias relacionadas com o mesmo período histórico, ao tratar as então muito populares corridas de cavalos através da sua representação nos mosaicos tardo-romanos da Hispânia, ou as cerâmicas de verniz negro recolhidas nas mais recentes escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa, que atestam a integração da cidade nos sistemas de circulação de pessoas e de bens que já a ligavam à Península Itálica e ao mundo mediterrânico nos séculos II-I a.C. Mas, a propósito de um conjunto de placas de xisto gravadas provenientes do povoado calcolítico do Castelo de Pavia (Mora), há também uma reflexão sobre a presença, em contextos habitacionais, de materiais normalmente associados a práticas funerárias pré e proto-históricas. Outros autores abordam a produção de cerâmica vidrada em Alenquer, durante o século XVI, e integram essa actividade no plano mais geral da olaria coetânea na região do baixo Tejo. Por fim, a secção completa-se com a problemática da História militar medieval e da guerra de cerco, a propósito da conquista da cidade islâmica de Silves por D. Sancho I, em 1189, com o apoio de cruzados que se dirigiam à Terra Santa. Num plano patrimonial mais geral, dá-se a conhecer a oficina artesanal de Manuel Capa e dos seus filhos José e Carlos, em Tibães (Braga), especializada na reprodução das ferramentas usadas para trabalhar o couro, no domínio de artes ornamentais que remontam ao século XV. E não são esquecidos os vestígios da presença islâmica no nosso território, evidenciados por porta reconhecida na adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, em Alcácer do Sal, nem o primeiro templo cristão construído em Albufeira, no século XIII ou em data anterior, destruído pelo terramoto de 1755 e agora realocado por intervenção arqueológica que também recorreu a técnicas de Arqueologia da Arquitectura. Notícias diversificadas dão conta de trabalhos e projectos recentes de natureza muito diversificada e, a terminar, reúne-se um amplo conjunto de comentários e balanços a eventos científicos e patrimoniais de âmbito nacional e internacional, consolidando a *Al-Madan Online* como veículo privilegiado para a rápida mediação e promoção do diálogo interdisciplinar e da Cultura científica. Como sempre, votos de boa leitura!...

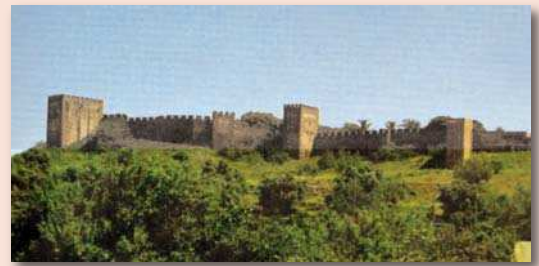
Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS



A Reconstituição
Arqueológica: uma
tradução visual |
César Figueiredo...6 ▶



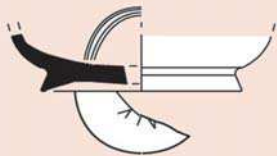
Guerra de Cerco (Silves) |
Lara Melo...64 ▶

Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores nos
Mosaicos Hispânicos |
Maria Teresa Caetano...14 ▶



PATRIMÓNIO

Nos Bastidores de um
Ofício: as ferramentas
para trabalhar o couro da
oficina de Manuel Capa
(Tibães, Braga) |
Franklin Pereira...73 ▶



A Cerâmica Campaniense
do Teatro Romano de Lisboa |
Vanessa Dias...34 ▶



A Porta Muçulmana da
Alcáçova de Alcácer do Sal |
Marta Isabel Caetano
Leitão...80 ▶

Placas de Xisto Gravadas em
Contexto de Povoado: o caso
do Castelo de Pavia (Mora) |
Marco António Andrade,
Catarina Costeira e Rui
Mataloto...43 ▶



A Igreja de Santa
Maria de Albufeira |
Luís Campos Paulo...86 ▶



Produção Oleira Renascentista na Bacia
Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas
vidradas em Alenquer, durante o século XVI |
Guilherme Cardoso, João José Fernandes Gomes †,
Severino Rodrigues e Luísa Batalha...54 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano: um novo polo de investigação arqueológica | Cláudia Costa, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Telmo Pereira, Susana Carvalho, António Valera e Nuno Bicho...98 ▶



Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro | Rui Ribolhos Filipe...101 ▶

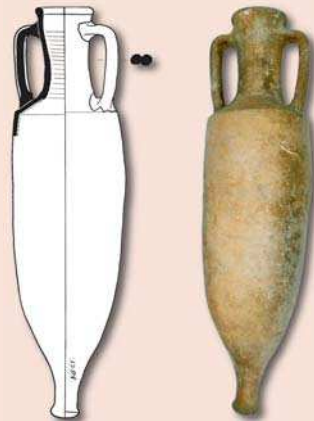


Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer): formatos antigos, novos usos - um caso de reaproveitamento | Raquel Caçote Raposo...106 ▶



Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros: uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo | António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa...108 ▶

Ânfora Romana Dressel 2-4 Recolhida ao Largo do Cabo Espichel | Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues...110 ▶



EVENTOS

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos: tema de congresso internacional | José d'Encarnação...111 ▶

INCUNA 2015: XVII Jornadas Internacionais de Património Industrial | José Manuel Lopes Cordeiro...114 ▶

Workshop Paleodiet meets Paleopathology: using skeletal biochemistry to link ancient health, food and mobility | Olalla López-Costas...117 ▶

I Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História: um balanço final | Silvério Figueiredo, Fernando Augusto Coimbra e Miguel Feio...119 ▶

XIX International Rock Art Conference | Andrea Martins...120 ▶

Simpósio de Materiais Líticos em Barcelona | Sofia Soares...122 ▶

XIII Congresso da Association Internationale pour l'Étude de la Mosaique Antique | Virgílio Lopes...123 ▶

XI Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo | Susana Gómez Martinez e Marco Liberato...124 ▶

Arqueologia em Lisboa: mesa-redonda e encontro | Jacinta Bugalhão...125 ▶

2ª Mesa-Redonda Peninsular Tráfego de Objectos | Ana Pinto da Cruz...127 ▶

II Fórum sobre Património Natural, Etnográfico e Arqueológico | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Colóquio PRAXIS IV | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Simpósio Fusis Φυσις: o ser humano e os mistérios da Vida, da Morte e do Céu | Ana Pinto da Cruz...129 ▶

Colóquio Internacional Enclosing Worlds | António Carlos Valera...130

Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades | Jacinta Bugalhão...132 ▶

RESUMO

Trabalho que dá a conhecer porta localizada numa das torres do primitivo sistema defensivo de Alcácer do Sal, edificado no século IX pela família berbere dos *Banu Danis*, quando esta se instalou na zona.

A porta foi descoberta em intervenção arqueológica de emergência realizada entre os anos de 1993 e 1997, no acompanhamento da obra de adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, propiciando a identificação de estruturas e espólios de períodos distintos.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (islâmico); *Qasr al-Fath* (Alcácer do Sal); Estruturas defensivas.

ABSTRACT

This work divulges the door of one of the towers belonging to the primitive defence system of Alcácer do Sal, built in the 9th century by the *Banu Danis* Berber family when they settled in the area.

The door was found during emergency archaeological intervention carried out between 1993 and 1997, as a follow-up of the construction works that turned the old Convent of Nossa Senhora de Aracoeli into a *pousada* (boutique hotel), and that led to the identification of structures and assets from different periods.

KEY WORDS: Middle ages (Islamic); *Qasr al-Fath* (Alcácer do Sal); Defence structures.

RÉSUMÉ

Travail qui donne à connaître une porte située dans l'une des tours du primitif système défensif de Alcácer do Sal, édifié au IXème siècle par la famille berbère des *Banu Danis*, quand celle-ci s'est installée dans la zone.

La porte a été découverte lors d'une intervention archéologique d'urgence réalisée entre les années 1993 et 1997, en accompagnement de l'œuvre de réhabilitation de l'ancien Couvent de Notre Dame de Aracoeli en auberge, rendant propice l'identification de structures et de débris de périodes distinctes.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (islamique); *Qasr al-Fath* (Alcácer do Sal); Structures défensives.

A Porta Muçulmana da Alcáçova de Alcácer do Sal

Marta Isabel Caetano Leitão ¹

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no âmbito da investigação levada a cabo para a concretização de dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes, a qual me permitiu analisar uma porta muçulmana que continha no seu topo um grafito com representação de um tabuleiro de jogo. Trata-se de uma porta de arco ultrapassado que se encontra dentro do restaurante da atual pousada D. Afonso II, integrando uma das torres do Período Emiral, correspondendo aquele espaço à anterior alcáçova muçulmana.

2. A OCUPAÇÃO MUÇULMANA NA CIDADE

Desconhece-se o ano em que Alcácer do Sal terá ficado sob o domínio islâmico mas, possivelmente, terá sido durante as campanhas militares realizadas entre 713-714, por *Abd al-Aziz*, momento em que se dão as conquistas de Lisboa e Coimbra (PAIXÃO, FARIA e CARVALHO, 2001: 198). Nos finais do século IX, o historiador *Ibn Hayyan* faz referência a Alcácer do Sal no contexto da *fitna*, momento em que os *Banu Danis*, uma família berbere que estava instalada em Coimbra, foge desta mesma cidade, devido à perseguição de Afonso III de Leão e de forças *muladis*, em franca progressão na região do Mondego, vindo instalar-se em Alcácer do Sal, sob o presumível comando de *Abi Danis*, em 875-876, tendo esta cidade conhecido um desenvolvimento urbano e económico sob esta dinastia, passando a chamar-se *Qasr Abi Danis* (FERNANDES, 2004: 60; PICARD, 2000: 194). Em 844, Lisboa é atacada pelos normandos, sendo o governador da cidade, *Wabb Allāh b. Hazm*, que dá o alerta da presença de embarcações vikings no estuário do Tejo. Este fenómeno irá fazer com que o poder emiral de Córdoba, sob o domínio de *Abd al-Rahmān II*, invista na defesa das zonas litorais do ocidente do *al-Andalus*, até aí consideradas zonas periféricas por parte do poder central de Córdoba, instalando uma rede de atalaias e *ribats* para proteção dessas zonas (CORREIA, 2013a: 74), fazendo com que cida-

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (martaleitao11@gmail.com).

Por opção da autora, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

des como Sines e Alcácer cresçam no século X, na medida em que é desta última que se dá, em 956, um alerta de um novo ataque viking (SILVA, 2010: 73).

Este crescimento da cidade não se deve somente aos acontecimentos políticos, mas também à existência de um comércio que se formava a partir de um grande eixo viário que ligava Badajoz a Alcácer do Sal e Lisboa. Aquela era nesse século um centro urbano em pleno desenvolvimento, referida por *Ali ibn Hawqal* como sendo uma cidade fortificada (REI, 2012: 117).

Com a instalação do califado de Córdoba, em 929, Alcácer do Sal, já capital de distrito, encontrava-se sob o domínio califal, tendo *Abd al-Rahman III* confirmado *Yahyā b. Abi Dānis* à frente do governo de Alcácer e o seu sobrinho *Abd Allān b. Umar b. Abi Danis* como governador das dependências montanhosas da fortaleza, os montes *Banu Benamocer*, ou seja a Serra da Arrábida, indicando que esta família berbere, que em certo momento teve movimentos autonomistas, decidiu colocar-se sob o domínio de Córdoba (FERNANDES, 2004: 273; LEVI-PROVENÇAL e GARCIA GÓMEZ, 1950: 158). Este facto irá reforçar o investimento que os Omíadas farão em Alcácer, instalando nela um estaleiro naval que impulsionará a sua dinâmica portuária e irá ser fundamental para a investida que *Ibn' Amir al-Mansur* fará a Santiago de Compostela em 997, servindo-se daquele estaleiro para equipar a sua frota, demonstração clara da importância que este porto tinha, indicando a presença de infraestruturas que permitiam a construção de navios e a presença de uma administração em volta desses equipamentos (PICARD, 1997: 81; KENNEDY, 1999: 142).

Com a queda do califado, no século XI, dá-se a emergência de pequenos reinos independentes, os Reinos de Taifas, sendo Alcácer do Sal incorporada no reino *Afíssida* de Badajoz por volta de 1033-1034, possivelmente por vontade da elite local, face ao clima de conflito que se vivia no *Garb al-Andalus* entre os Reinos de Taifa de Sevilha e Badajoz (CARVALHO, FARIA e FERREIRA, 2008: 56). Nesta altura, o porto de Alcácer do Sal torna-se o porto principal do reino *Afíssida* de Badajoz, a única entrada deste reino no atlântico (CORREIA, 2013b: 59).

Durante a dominação Almorávida, o distrito de *al-Qasr* englobava, pelo menos no plano militar, a vasta região de Évora, Badajoz, Mérida e Coria, mantendo a sua importância de cidade portuária e de base militar, na medida em que é a partir dela, nesta altura, que se fazem incursões contra o Norte cristão, possuindo também, nesta época, para além da sua importância de base naval, igualmente uma intensa atividade comercial (PICARD, 1997: 81).

Com a queda dos Almorávidas, é possível que, à semelhança de Lisboa, Alcácer se tenha tornado independente nos primeiros tempos, já que possuía boas condições para tal, como um vasto domínio territorial, uma frota naval e um comércio bastante rico, contendo todos os meios para conseguir subsistir como um Reino de Taifa. À sua frente estava um governador escolhido pela população local, aliado de

D. Afonso Henriques, *Ali ibn al-Wahibi*, que tinha governado a Taifa de Tavira. As razões que levaram a população a escolher aquele governador são desconhecidas. Apenas se sabe que será assassinado pelos habitantes de Alcácer por volta de 1159-1160, altura em que D. Afonso Henriques conquistará a cidade (FERNANDES, 2004: 38; CARVALHO, FARIA e FERREIRA, 2008: 59).

Durante esta primeira fase do domínio cristão, Alcácer do Sal sofrerá alguns ataques, nomeadamente, em 1178, quando *Ali b. Wazir* e o governador almóada *Umar b. Timsalut* a atacam, sendo vencidos e feitos prisioneiros (SILVA, 2010: 74). Somente em 1191, o califa almóada *Ya'qub al-Mansur* reconquista a cidade, nomeando-a de *Qasr al-Fath*, ou seja, *Alcácer da Vitória*, tendo-se procedido a obras de fortificação na cidade, colocando-se seguidamente no governo *Muhammad b. Sidray b. Wazir* (CARVALHO, FARIA e FERREIRA, 2008: 62).

Durante o Período Almóada, Alcácer do Sal tornou-se numa das cidades mais importantes do *Garb al-Andalus*, possuindo uma importância política e militar de extrema relevância, face à sua situação de fronteira com o reino cristão. Abastecida pelas cidades de Ceuta e Sevilha, continuou a manter um comércio bastante ativo, tornando-se o centro escoador de produtos para o Alentejo. Em 1217, é definitivamente reconquistada pelos cristãos, tornando-se sede da Ordem de Santiago de Espada, altura em que os vestígios da alcáçova foram reaproveitados para a edificação do Paço da respetiva Ordem. No século XV, foi construído no local um convento feminino que esteve em funcionamento até ao século XIX (COTTART e CARVALHO, 2010: 194; TORRES e MACIAS, 1998: 132; PICARD, 1997: 230).

3. ALCÁÇOVA

A alcáçova da *medina* de Alcácer do Sal, à semelhança de outras alcáçovas do *al-Andalus*, ergue-se no extremo Noroeste da colina mais elevada do castelo, a uma cota máxima de 62 m, abrangendo uma área de 0,9 ha, que corresponde a um quarto da área total do recinto amuralhado da *medina*. Encontra-se sobranceira ao rio Sado, desenvolvendo-se o núcleo urbano pelas encostas Nascente e Norte. O material utilizado na edificação da mesma foi essencialmente a taipa militar e a alvenaria de pedra, nomeadamente, alguns biocalcarenítos arenosos da região (Fig. 1).

Apresenta planta quadrangular, estruturando-se em redor de um pátio central com pelo menos quatro torres retangulares nos seus ângulos, assemelhando-se este tipo de fortaleza às fortificações omíadas orientais presentes na zona da Síria e da Jordânia, com claras influências bizantinas e sassânidas, de que são exemplo as fortificações de *Qasr Minya*, *Qasr al-Anyar*, *Qasr al-Hayr al-Sharqi*, o Palácio *Amman* de Jerusalém, *Qasr Kharana*, os Palácios de *Mshatta* e *Khirbal al-Mafjar*, datados do século VIII (SOLER e ZOZAYA, 1989: 265; STIERLIN, 2002: 65-82; ENDERLEIN, 2004: 73-78).

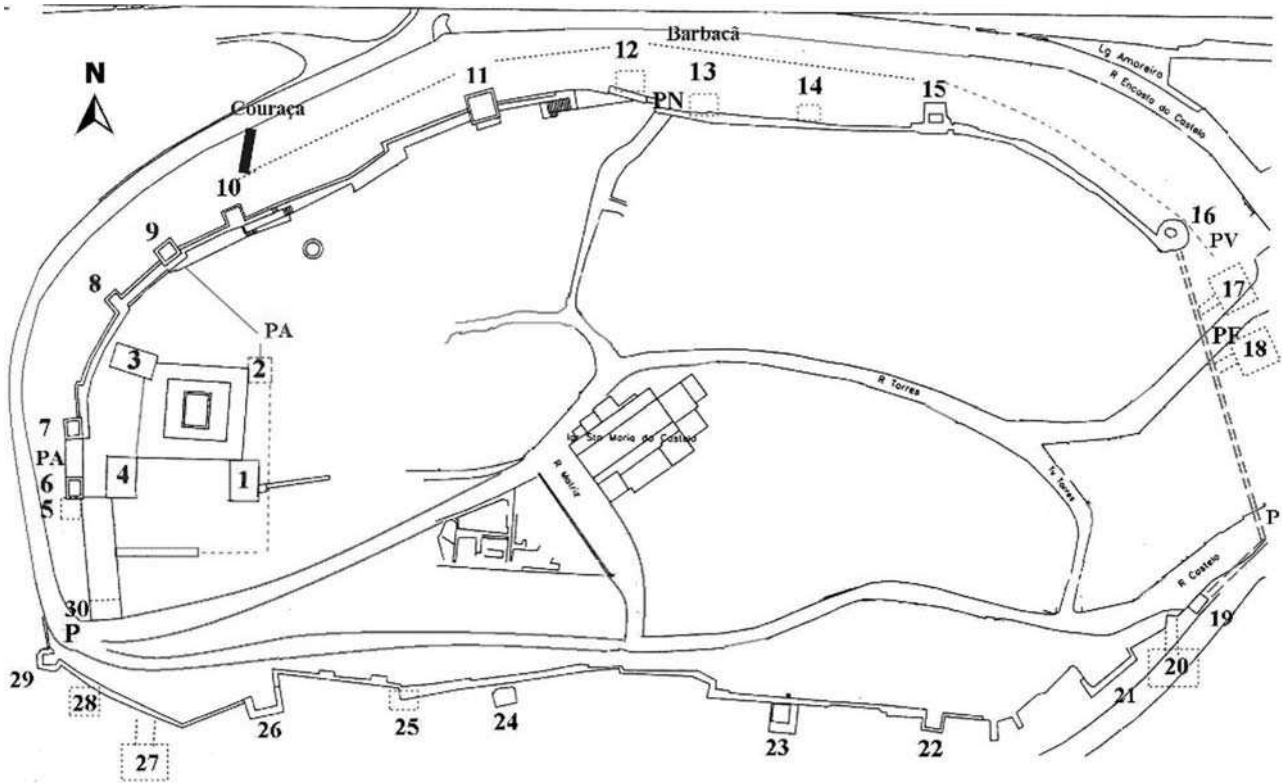


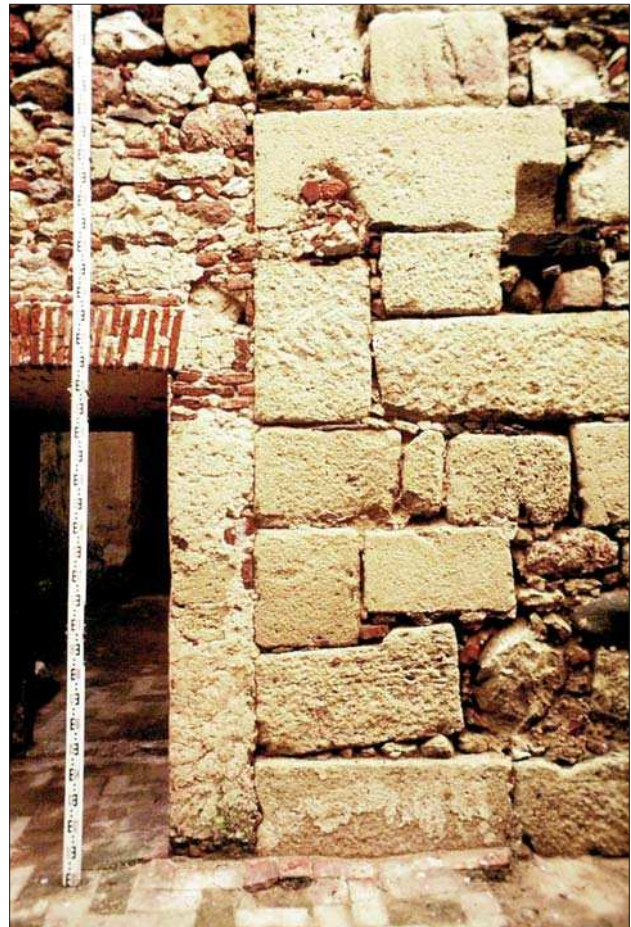
FIG. 1

FIG. 2

Na Península Ibérica, também se encontram fortificações com este tipo de modelo erguidas durante o Período Omíada, no século IX, como o caso da Alcáçova de Mérida, Castelo de El Vacar, na província de Córdoba, Castelo de Guadalerzas, na província de Toledo, Castelo das Relíquias, Castelo Velho de Alcoutim, a primitiva Alcáçova de Silves e a Alcáçova do Castelo de Palmela. Conhecem-se também casos para o Norte de África, datáveis do século X, já no Período Califal, como o caso de Ceuta (SOLER e ZOZAYA, 1989: 265; CATARINO, 1997: 312; GOMES, 2013: 26; FERNANDES, 2004: 239; PAREDES e DAZA, 2013: 54).

As quatro torres que integram os ângulos da alcáçova foram construídas utilizando o sistema de construção em *soga e tição*, como se observa nas muralhas omíadas de Mérida, de Cória, de Vascos, do castelo de Castros, em Cáceres, e também em uma das torres do castelo de Palmela, datáveis igualmente do século IX (FERNANDES, 2004: 239) (Fig. 2).

A primitiva fortificação, localizada no extremo Noroeste da colina, terá sido erguida no século IX, aquando da instalação dos *Banu Danis* naquela zona, conforme comprovam quer as estruturas e espólios encontrados nas intervenções arqueológicas, quer a análise dos paramentos construtivos dos panos de muralha e torres, coincidindo com o século em que se iniciam igualmente as invasões vikings no *al-Andalus*, obrigando o poder omíada a investir na defesa do litoral ocidental peninsular (CORREIA, 2013a: 759).



4. TORRE 3 E PORTA DE ARCO ULTRAPASSADO

A torre 3, de formato retangular, encontra-se no topo Noroeste da alcáçova, adossada à muralha, e foi edificada em pedra e argamassa, utilizando, como já referido, o sistema de construção em *soga e tição*, possuindo ainda um arco monumental de volta perfeita na sua face Norte. Divide-se em dois pisos, onde se pode vislumbrar no segundo uma porta de arco ultrapassado, localizada na face Poente e edificada em silharia de pedra, os já mencionados biocalcarenitos da região, encontrando-se as juntas das pedras ligadas por argamassa de tom amarelado (Figs. 3 e 4).

A porta possui 2,63 m de altura, 0,94 m na base e 0,96 m de largura nas juntas onde assenta o arco, e encontra-se a dois metros do nível do solo. Os silhares da base são semelhantes entre si, sendo o do lado direito uma ara romana, possuindo 1,39 m de altura, 0,40 m de largura e 0,30 de espessura, enquanto o do lado esquerdo possui 1,40 de altura, 0,39 de largura e 0,30 de espessura, sendo, possivelmente, também ele, uma ara romana reutilizada, conforme se pode constatar pelas medidas semelhantes ao primeiro silhar referido (Figs. 5 e 6). Relativamente aos silhares onde assenta o arco ultrapassado, estes possuem entre 0,63 e 0,66 m de largura e 0,21 a 0,33 m de altura. Já os que compõem o arco têm 0,27 a 0,68 m de largura e 0,20 a 0,47 m de altura. Aquela entrada daria acesso ao segundo piso da torre, que foi adaptado a cozinha durante o funcionamento do Convento de Aracoeli, tendo sido a porta desativada. Encontrava-se selada com silharia de pedra e fiadas de tijolo na altura da edificação da pousada, tendo sido neces-



FIG. 5



FIG. 3

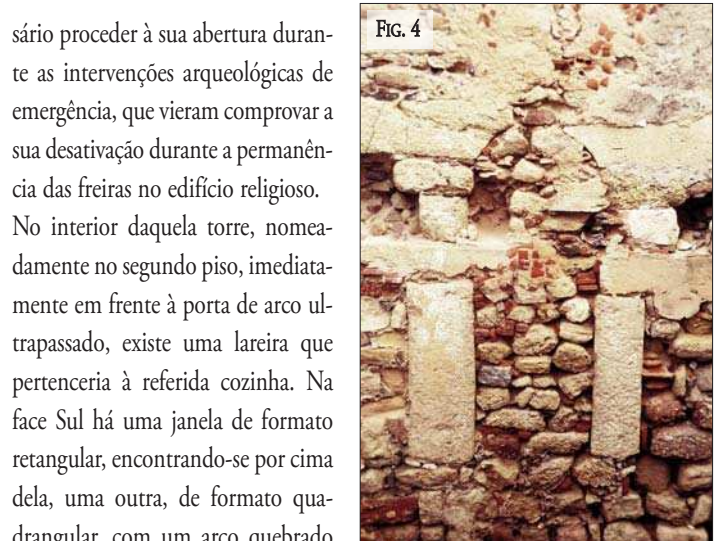


FIG. 4

sário proceder à sua abertura durante as intervenções arqueológicas de emergência, que vieram comprovar a sua desativação durante a permanência das freiras no edifício religioso. No interior daquela torre, nomeadamente no segundo piso, imediatamente em frente à porta de arco ultrapassado, existe uma lareira que pertenceria à referida cozinha. Na face Sul há uma janela de formato retangular, encontrando-se por cima dela, uma outra, de formato quadrangular, com um arco quebrado no topo.

O tipo de arco ultrapassado presente na porta muçulmana, não apontado e sem alfiz, remete para uma fase inicial do Período Islâmico, conhecendo-se caso semelhante na porta da alcáçova de Elvas, que também reutiliza materiais de construções anteriores e é atribuída ao Período Emiral ou aos inícios do Califal (CORREIA, 2013b: 108). É



FIG. 6

possível que a construção daquela porta se enquadre em cronologia semelhante, sendo contemporânea da construção da torre 3, edificada no século IX e desativada, provavelmente, após a reconquista cristã da cidade, em 1217, quando foram edificados os paços da Ordem de Santiago.

5. O GRAFITO

No topo do arco ultrapassado da porta, num silhar bem talhado, com 0,32 m de comprimento e 0,20 m de altura, encontra-se um grafito já bastante danificado pela passagem do tempo e do cimento que sobre ele foi colocado durante a edificação da pousada, que ignorou a existência do mesmo e tapou algumas linhas que o compõem (Fig. 7). Ainda assim, apesar da deterioração que apresenta, foi possível observar, através do registo fotográfico com luz rasante, um conjunto de linhas horizontais paralelas, traçadas com algum cuidado, e um outro conjunto de linhas perpendiculares a estas, formando uma rede geométrica composta por pequenos quadrados com dimensões de 4 × 4 cm, cujo formato, em geral, se assemelha a um fragmento de tabuleiro de jogo, nomeadamente o *Ludus Latruncolorum* ou Jogo do Soldado (Figs. 8 e 9).

Desconhece-se quando terá surgido aquele jogo, sendo que uma das primeiras referências ao mesmo é feita por Marco Terêncio Varrão, no século II a.C., no livro X da obra *De Língua Latina*, onde menciona ser praticado num tabuleiro marcado por linhas e espaços, tratando-se de um jogo muito popular junto das legiões romanas. Estava ligado à guerra e à estratégia militar, dando origem desta forma ao seu nome, Jogo do Soldado. Através das legiões expandiu-se pelas várias províncias do Império, sendo conhecidos exemplares no Reino Unido, junto à muralha de Adriano, datados entre os séculos II e IV d.C. Em Portugal, há pelo menos quatro, nomeadamente o de Conímbriga, que é o mais conhecido, desconhecendo-se a sua datação, e outros três provenientes do Castelo de Lousa, relativos aos inícios do Período Romano. Para além daqueles, há um tabuleiro semelhante na Igreja da Nossa Senhora da Graça de Évora. Porém, é datado do século XVI (FERNANDES, 2013: 57-58).

O *Ludus Latruncolorum* era jogado num tabuleiro gravado com um conjunto de linhas paralelas e perpendiculares entre si, onde se moviam peças de jogo que podiam ser de vidro, pedras preciosas ou até mesmo de cerâmica. Vencia o jogador que primeiro conseguisse atravessar as suas peças pelo tabuleiro até ao fim. Outra forma de jogar consistia em colocar cinco peças em linha, ganhando o primeiro jogador que conseguisse realizar esse feito (FUENTES, 2008: 28). Normalmente, aquele tabuleiro de jogo possuía 8 × 8 casas, fazendo um total de 64 quadrados. Todavia, esse número também podia variar entre 7 × 8 ou 9 × 10, não havendo propriamente uma norma para o número de casas do tabuleiro (FERNANDES, 2013: 57). O fragmento de tabuleiro de jogo presente na porta muçulmana de Alcácer do Sal

apresenta 7 × 4 casas. Contudo, o silhar onde se encontra gravado está fraturado em baixo e do seu lado direito, impossibilitando saber o número exato de casas que aquele possuía.

Este tipo de tabuleiros normalmente era gravado em pedras bem talhadas, como é o caso do de Alcácer do Sal, gravado em pedra que terá sido cortada, possivelmente, no momento em que foi reutilizada pelos muçulmanos para a construção da porta (FERNANDES, 2013: 251). As linhas que compõem o tabuleiro apresentam uma regularidade bastante razoável, notando-se que houve uma preocupação e um cuidado na sua gravação por parte do autor, conforme sugerem as me-



FIG. 7

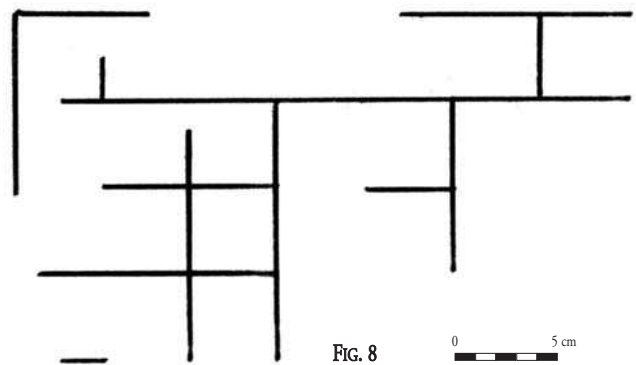


FIG. 8

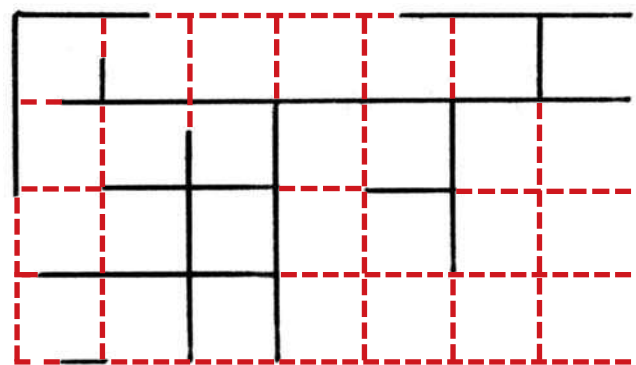


FIG. 9

apresenta 7 × 4 casas. Contudo, o silhar onde se encontra gravado está fraturado em baixo e do seu lado direito, impossibilitando saber o número exato de casas que aquele possuía.

Este tipo de tabuleiros normalmente era gravado em pedras bem talhadas, como é o caso do de Alcácer do Sal, gravado em pedra que terá sido cortada, possivelmente, no momento em que foi reutilizada pelos muçulmanos para a construção da porta (FERNANDES, 2013: 251). As linhas que compõem o tabuleiro apresentam uma regularidade bastante razoável, notando-se que houve uma preocupação e um cuidado na sua gravação por parte do autor, conforme sugerem as me-

didadas bastante precisas (4 × 4 cm) entre os quadrados visíveis que se dispõem no tabuleiro.

É possível que aquele se trate de um exemplar gravado durante a ocupação romana em Alcácer do Sal, provavelmente com uma cronologia entre os séculos II a.C. e II d.C., fazendo parte de um edifício público da cidade, como era habitual em construções como teatros, anfiteatros e circos, entre outros. Posteriormente, terá sido reaproveitado, durante o século IX d.C., na construção da porta muçulmana que integra o segundo piso da torre 3 da alcáçova (FUENTES, 2008: 29).

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol Aires (2008) – *Al-Qasr. Arqueologia e História de uma Madina do Garb al-Andalus: sécs. VIII-XIII*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.

CATARINO, Helena (1997) – *O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento em Arqueologia.

CORREIA, Fernando Branco (2013a) – “Fortificações de Iniciativa Omíada no Gharb al-Andalus nos Séculos IX e X: hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.). *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola. Vol. I, pp. 73-86.

CORREIA, Fernando Branco (2013b) – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri / CIDEHUS - Universidade de Évora.

COTTART, Nicole Danièle e CARVALHO, António (2010) – “Os Grafitos da Muralha Almóada de Alcácer do Sal”. *Conimbriga*. 49: 183-223.

ENDERLEIN, Volkmar (2004) – “Syria and Palestine: The Umayyad caliphate”. In HATTSTEIN, Markus e DELIUS, Peter (eds.). *Islam: Art and Architecture*. Tandem Verlag GmbH. Konemann, pp. 59-87.

FERNANDES, Isabel Cristina (2004) – *O Castelo de Palmela do Islâmico ao Cristão*. Lisboa: Edições Colibri.

FERNANDES, Lúcia (2013) – *Tabuleiros de Jogo Inscritos na Pedra: um roteiro lúdico português*. Lisboa: Apenas Livros.

FUENTES, Manuel Durán (2008) – “Marcas y Grafitos en las Obras Públicas Romanas”. In *Congreso de las Obras Públicas en la Ciudad Roman*. Lugo: CITOP, pp. 1-37.

GOMES, Rosa Varela (2013) – *Arquiteturas: testemunhos islâmicos em Portugal*. Lisboa: Castelo de São Jorge.

KENNEDY, Hugh (1999) – *Os Muçulmanos na Península Ibérica: história política do al-Andalus*. Publicações Europa-América.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2015) – *A Presença Islâmica em al-Qasr: uma análise sobre o urbanismo e o sistema defensivo*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de Mestrado em Arqueologia.

LÉVI-PROVENÇAL, E. e GARCIA GÓMEZ, E. (ed. e trad.) (1950) – *Crónica Anónima de Abd al-Rahmân III al-Nâsir*. Madrid / Granada: CSIC.

PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; FARIA, João Carlos Lázaro e CARVALHO, António Rafael (2001) – “Contributo Para o Estudo da Ocupação Muçulmana no Castelo de Alcácer do Sal: o Convento de Aracoelli”. *Arqueologia Medieval*. Mértola: Edições Afrontamento. 7: 197-209.

PAREDES, Fernando Villada e DAZA, Pedro Gurriarán (2013) – “Recientes Investigaciones Sobre las Fortificaciones del Califato Omeya en el Estrecho de Gibraltar (Tarifa, Algeciras, Tánger, Ceuta)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.). *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola. Vol. I, pp. 51-62.

PICARD, Christophe (1997) – *L’Océan Atlantique musulman: de la conquête arabe à l’époque almohade*.

navigation et mise en valeur des côtes d’al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal - Espagne - Maroc). Paris: UNESCO.

PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal musulman (VIII-XIIIe siècle): l’occident d’al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose.

REI, António (2012) – *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsâ na Geografia Árabe (séculos III h.IIX d.C. - XI h.IXVII d.C.)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.


SILVA, Carlos Guardado da (2010) – *Lisboa Medieval: a organização e estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.

SOLER, Alvaro e ZOZAYA, Juan (1989) – “Castillos Omeyas de Planta Cuadrada: su relación funcional”. In CONDE, J. Fernández (coord.). *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo: Universidad de Oviedo. Actas III - Comunicaciones, pp. 265-274.

STIERLIN, Henri (2002) – *Islão: de Bagdade a Córdoba. A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII*. Hohenzollernring. Taschen.

TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago (1998) – *O Legado Islâmico em Portugal*. Lisboa: Fundação Circulo de Leitores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos constatar, Alcácer do Sal foi ocupada logo nos inícios da islamização, tendo-se construído, no século IX, um palácio fortificado com quatro torres nos seus ângulos. Data da mesma altura a porta de arco ultrapassado que daria acesso a um segundo piso da alcáçova. Aquela primitiva fortificação foi construída reaproveitando materiais de reconstruções romanas, onde se inserem as duas aras e o silhar com representação do tabuleiro de jogo que integram a porta de arco ultrapassado. 

PUBLICIDADE



também em papel...

outra revista...

o mesmo cuidado editorial

Edição anual, com distribuição no circuito comercial e venda directa (oferta dos portes de correio *).

mais informação:

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

Pedidos:
Centro de Arqueologia de Almada
Tel.: 212 766 975 / E-mail: c.arqueo.alm@gmail.com

* No território nacional continental

edição
CAA
Centro de Arqueologia de Almada

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]